



Biografia da Baixinha

por Carlos Cesar Galliez
Fevereiro 2012

Conheci a Baixinha em 1973, na casa de Fátima Mallas, a Tatina, onde ela cuidava de sua filha Ana Paula.

Logo chamou minha atenção aquela mulher pequena, muito ativa, que me falava de um mundo que eu já ouvira e do qual queria me aproximar.

Tivemos uma simpatia mútua e eu progressivamente comecei a mergulhar nos conhecimentos que ela me trazia do mundo dos espíritos, das curas usando as mãos, das ervas e da Umbanda.

Ela foi me contando sua história que mais parecia saída de um livro de aventuras.

Nascera em 1936, no noroeste do Estado do Rio de Janeiro, na localidade de Pirapitinga, próxima à cidade mineira de Além Paraíba. Sua mãe, Maria, era filha de um rico fazendeiro, em cuja fazenda seu pai, Antônio, era boiadeiro.

Para desgosto dos pais de sua mãe, ela se apaixonou por Antônio e como era costume no interior, quando os pais de uma moça não aceitavam um namoro, os namorados fugiam e isso criava uma situação social em que os dois tinham que casar.

Seu avô se aborreceu tanto que não quis seguir esse costume e mandou outro empregado da fazenda atrás para matar Antônio. O casal conseguiu fugir a cavalo para longe e o avô, então, deserudou sua mãe.

Eles passaram a enfrentar imensas dificuldades de vida e quando Arlete, este é o nome da Baixinha, nasceu ela era tão pequenina que foi colocada em uma caixa e guardada junto ao forno para se aquecer.

Seu pai, que era filho de índia e branco, já tinha um caminho pelo mundo espiritual, recebendo entidades e praticando curas com ervas e passes. Sua mãe, de origem cristã, após o nascimento dos filhos, que chegaram a 16, tornou-se uma parteira de mão cheia e reconhecida rezadeira.

Este foi o ambiente em que Baixinha cresceu, sempre acompanhando o pai em suas práticas. Ele recebia os caboclos Seu Tira Teima e Seu Teimoso que também transmitiam seus ensinamentos à Baixinha. A partir do contato com os escravos libertos, seu pai ia adquirindo conhecimento sobre os Orixás.

Suas primeiras manifestações mediúnicas apareceram em torno dos 9 anos e um episódio curioso que Baixinha conta é sobre sua clarividência.

Um dia foi à cidade e, andando pela rua, viu um homem chorando muito. Ao olhá-lo com mais atenção, percebeu que ele tinha um prego cravado em sua cabeça e ao lado, um espírito zombeteiro ria do sofrimento que provocava. Baixinha não compreendeu porque ninguém via o que acontecia, nem faziam nada. Ela então foi até o homem e retirou o prego. Este começou a beijar suas mãos e lhe agradecer muito, chamando a atenção dos passantes.

Baixinha cresceu como um espírito livre, vivendo sua mediunidade e guiada por suas entidades.

Mesmo com sua espiritualidade, Antônio era um homem autoritário e violento e as atitudes da Baixinha provocavam nele fortes reações e os espancamentos cruéis eram freqüentes.

Diante dessa situação, sua mãe deixou-a na casa de uma família conhecida na cidade, onde ela começou a trabalhar como babá. Algum tempo depois, outra senhora a convidou para acompanhá-la de mudança para Barra Mansa, a fim de ajudá-la com suas crianças. Baixinha aceitou e deixou a região onde nascera, seus pais e irmãos.

Assim, começava um novo tempo em sua vida.

Em Barra Mansa, através desta senhora, Baixinha conheceu o espiritismo de Alan Kardec e começou a freqüentar sessões de mesa kardecista.

Ela conta que gostava das reuniões, das leituras do Evangelho e da caridade espírita, mas



Biografia da Baixinha

começou a se sentir muito perturbada em sua mediunidade e, com medo, afastou-se e passou a freqüentar a Igreja Metodista. Apesar de gostar de cantar, acabou por não se adaptar a este credo.

Nessa ocasião, as moças da família com quem ela vivia, estavam começando a freqüentar uma filial do grande centro umbandista do Rio de Janeiro, a Tenda Espírita Mirim, fundada na década de 20 do século passado por Benjamim Gonçalves Figueiredo, que recebia o Caboclo Mirim. Baixinha juntou-se a elas e esta casa tornou-se por mais de 20 anos sua grande escola e foi lá que ela começou a receber o Caboclo Tupinambá, seu guia.

A vida continua seus movimentos e Baixinha transfere-se para o Rio de Janeiro indo trabalhar numa casa de família. Uma das filhas da dona da casa era amiga da irmã da Fátima e, a seguir, Baixinha torna-se babá da Ana Paula. Foi lá que vim a encontrá-la.

Em seu caminho espiritual, Baixinha, por necessidade, teve a cabeça raspada no Candomblé para o Orixá Oxum, tendo como segundo Obaluaê.

Após o golpe militar de 1968, com a edição do AI/5, o Brasil entrou em um período negro de sua história, com violência do Estado, perseguição a todos que não seguiam a ideologia dominante e uma intolerância política e social a todos aqueles que buscavam um caminho próprio.

Os jovens, perseguidos e perdidos num sistema cada vez mais fechado, materialista, individualista e competitivo passam a procurar outras formas de viver. Um desses caminhos foi o viver comunitariamente, valorizando a generosidade, a auto gestão e a espiritualidade.

Nesta ocasião, eu e minha primeira mulher, Márcia - que era amiga da Fátima -, resolvemos morar em comunidade, com nossos filhos. Baixinha que continuava cuidando da Ana Paula juntou-se a nós e assim fomos morar em uma grande casa na Tijuca.

Lá, ela e Marcelo Bernardes, seu companheiro de vida e pai de seu filho Nilo Maia, iniciaram seu relacionamento.

No período em que a conheci, Baixinha estava afastada da Tenda Espírita Mirim e não tinha uma prática espiritual regular. Junto com outros companheiros e companheiras, a acompanhamos em seu retorno à prática umbandista.

De início, foram sessões de desenvolvimento e ensino com o Caboclo Tupinambá, em nossa casa. Ficamos nos reunindo por mais de um ano e, então, Seu Tupinambá nos disse que queria uma casa com o chão de terra e o teto de estrelas. Entendemos que ele queria ir para a mata e após alguns meses de busca, foi encontrado um lugar na mata, próximo ao Jardim Botânico, no Horto.

Lá, ficamos trabalhando alguns anos até que no princípio de 1981, Baixinha ficou grávida e precisou suspender seu trabalho incorporando Seu Tupinambá. Diante dessa situação, ela nos encaminhou para sua escola, a Tenda Espírita Mirim, onde tivemos um grande aprendizado no caminho espiritual.

Após o nascimento do Nilo Maia, passado seu resguardo, Baixinha voltou à mata e as giras continuaram.

Nessa ocasião, Baixinha veio a conhecer médicos e psicólogos que praticavam a psicoterapia corporal Análise Bioenergética. Esses profissionais passaram a freqüentar suas giras e a se consultar com ela.

Os fundamentos que compõem esta psicoterapia são a compreensão da unicidade do corpo e da mente, da localização das emoções no corpo e da importância de sua expressão no caminho da integração da pessoa, associada à fundamental consciência desses processos no próprio corpo. E isso tem toda ressonância com o conhecimento umbandista da natureza humana e Baixinha, visionariamente, percebeu isso.

Em meados da década de 80, pessoas ligadas à doutrina do Santo Daime começaram a se aproximar da gira em busca de desenvolvimento mediúnico.

Baixinha as acolheu e a aproximação se aprofundou. Seu Tupinambá em uma gira nos disse que ele era das terras do Daime, na Amazônia.

Nessa época, Baixinha tomou o Santo Daime no Ponto Rainha do Mar conduzido por Vera Fróes,



Biografia da Baixinha

amiga de adolescência do Marcelo e pioneira no estudo acadêmico do chá e de sua doutrina e uma das primeiras filiadas formalmente, de fora da Amazônia, à Igreja do Santo Daime, no estado do Acre.

Nesse novo caminho, Baixinha e Marcelo começaram a freqüentar a Igreja do Céu do Mar, em São Conrado, a primeira igreja daimista no Rio de Janeiro, onde foram reconhecidos e Baixinha passou a realizar periodicamente giras de Umbanda para desenvolvimento mediúnicos dos filiados.

Os dois conheceram, em Visconde de Mauá, a Igreja Céu da Montanha e lá também começaram a realizar as giras de Umbanda, estreitando laços que os levaram a se mudar para esta comunidade e retomando o antigo projeto de vida comunitária. Lá, em 1988, Baixinha e Marcelo se fardaram na doutrina do Santo Daime.

Quando se completou o tempo em Mauá, Baixinha, Marcelo e Nilo Maia mudaram-se para Lumiar, em Nova Friburgo. Lá, os membros que vieram a formar esta nova comunidade construíram juntos a Cabana Lua Branca para abrigar os trabalhos espirituais, agora, unindo as linhas da Umbanda e do Santo Daime, com giras, concentrações e hinários.

O grupo de membros da irmandade foi crescendo, bem como o de visitantes e assim, o pequeno espaço da Cabana deixou de comportar a todos.

Numa comunicação intuitiva, Baixinha viu o terreno para a localização da nova casa e a seguir, ela e Marcelo compraram um terreno na subida para Macaé de Cima, onde começou a ser construída, no início dos anos noventa, a sede definitiva para os trabalhos do Caboclo Tupinambá, mentor e guia da Baixinha.

Esta casa foi batizada como Flor da Montanha e hoje, já com mais de 20 anos, é reconhecida como um importante centro de desenvolvimento e tratamento espiritual. Ela está integrada à linhagem das Igrejas do Santo Daime, fundada pelo Mestre Irineu, no Acre, na década de 30 do século passado e segue o calendário com os hinários festivos das igrejas. Mensalmente, realiza também as giras de caboclos e pretos velhos.

Em meados da década de 80, um dos médicos psiquiatras que Baixinha conheceu foi José Alberto Rosa de quem ficou grande amiga. José Rosa foi o pioneiro da Análise Bioenergética no Rio de Janeiro e mantinha uma clientela em Nova York.

Quando decidiu trazer seus pacientes ao Brasil para trabalhos terapêuticos intensivos, em grupo, ele procurou Baixinha e os dois deram início a uma frutífera parceria, que durou até o final precoce da vida dele.

Baixinha cuidava da parte espiritual dos pacientes e trazia sua sutil compreensão das ligações corpo, psiquismo e espiritualidade.

Com sua sensibilidade sobre o ser humano, Baixinha introduziu o uso do Daime, nos trabalhos terapêuticos com José Rosa, que ela já vinha utilizando nos trabalhos espirituais em sua igreja.

Nessa ocasião, ela decidiu iniciar uma prática constante de massagem que denominou Leitura de Aura, a qual ampliava a consciência dos pacientes sobre seu próprio corpo, enquanto ela ia cuidando de suas questões a nível espiritual. As pessoas sentiam tamanha transformação em suas sessões, que logo seu consultório estava com os horários completos. Baixinha manteve esta prática até poucos anos atrás.

Sua aproximação com a Bioenergética nunca mais cessou. Após a partida de José Rosa, Baixinha iniciou um novo trabalho com Benjamim Mandelbaum, também médico psiquiatra e um dos fundadores da Sociedade de Análise Bioenergética do Rio de Janeiro – SABERJ. Os dois trabalhavam em grupo, com os pacientes do Benjamim.

Em 1998, Baixinha fez sua primeira viagem internacional, indo visitar a Holanda, a convite de seu amigo Hans Bogers, que lá dirigia uma Igreja de Daime. Foi uma visita muito intensa, com várias sessões de Daime e Giras de Umbanda e com a participação de multidões. Ela também aproveitou a viagem para, junto com Marcelo, conhecer Londres.

Em 1990, eu e Martina Willach Galliez, minha mulher, decidimos deixar o Rio de Janeiro com o projeto de termos uma vida no campo, com nossos filhos menores. Com a benção do Caboclo Tupinambá, compramos uma antiga fazenda em Barra Alegre, não muito distante da casa da



Biografia da Baixinha

Baixinha, em Lumiar.

Foram anos de muita luta para nos estabelecermos na região. Restauramos a sede para nossa moradia e iniciamos a construção do Espaço de Convivência Morgenlicht, voltado para a hospedagem de grupos e seus trabalhos.

Baixinha é uma das madrinhas do Morgenlicht e sua construção foi acompanhada pelo Caboclo Tupinambá. Podemos dizer, agradecidos, que em 2 anos e 2 meses, não houve um único acidente na obra e os relacionamentos entre todos transcorreram em relativa paz. Essa proximidade física nos reaproximou e juntos começamos a ter idéias e projetos.

No ano de 2000, aos 64 anos de idade, Baixinha sofreu um gravíssimo acidente vascular cerebral hemorrágico devido a ruptura de um aneurisma na artéria comunicante do cérebro. Baixinha foi internada em Nova Friburgo e ficou cerca de duas semanas em coma, na UTI do Hospital São Lucas.

Um episódio engraçado desse período, tão tenso, foi que houve uma grande romaria das mais diversas pessoas à portaria do hospital em busca de notícias da Baixinha. Num desses dias, as recepcionistas do hospital, espantadas, perguntaram: afinal, quantos filhos a Baixinha tinha porque, eram tantos, de tantas etnias e idades, aqueles que vinham procurá-la e que se apresentavam como seus filhos. Uma das pessoas da equipe de informações, rindo, disse então: todos são seus filhos, filhos espirituais, e são centenas.

O processo de recuperação da Baixinha durou cerca de um ano.

Nesse período, Jonathan Goldman, que tinha conhecido a Baixinha nos grupos com José Rosa, retomou o contato, com o desejo de começarem um trabalho em grupo, de terapia e desenvolvimento espiritual.

Jonathan era terapeuta no Oregon, nos EUA, onde vivia com sua esposa Jane Seligson e os filhos. No início de sua vida profissional, ele havia começado a formação para ser psicoterapeuta de Análise Bioenergética e posteriormente, tornou-se um competente acupunturista.

Ele, com Jane, fundou a Igreja da Sagrada Luz da Rainha, em Ashland, onde conduzem os trabalhos espirituais dentro da doutrina do Santo Daime e é o responsável pela liberação do uso religioso do Daime no Oregon.

Baixinha procurou-me, falou de nossos projetos e que poderíamos trabalhar os três juntos. Aceitei prontamente e, em 2001, Jonathan trouxe ao Morgenlicht o primeiro grupo, composto por pacientes seus e membros da comunidade do Daime de Ashland. Jonathan batizou este trabalho de Daime Self Transformation e, em 2011, ele completou 10 anos.

Em 2005, como fruto deste trabalho, Baixinha viajou com Marcelo ao Oregon, tendo feito trabalhos com Daime e uma grande Gira de Umbanda. Após esta primeira viagem, seguiram-se várias outras, inclusive com visitas ao Canadá, para mais trabalhos.

Em 2009, eu, Martina e Baixinha criamos um novo trabalho espiritual psicoterápico ao qual demos o nome de Daime Bioenergética. Este nome significa a união da psicoterapia corporal neo reichiana Análise Bioenergética com as experiências e o saber espiritual da Baixinha, fazendo o uso do Daime.

Este trabalho enfeixa nossa experiência de mais de 30 anos de trabalhos espirituais e terapêuticos e nossas reflexões.

Os participantes tem compartilhado vívidas e intensas experiências de ampliação da consciência de si mesmos e dos conflitos existenciais que buscam transformar. Sentem-se mais em contato com a natureza e experimentam uma abertura do coração em suas mais amplas dimensões.

Como nos ensina o Caboclo Tupinambá podemos dizer juntos:

Vida, Saúde, Felicidade, Caminhos Abertos

Saúde no corpo, Paz no Espírito, Amor no Coração

Para nós e para todos nossos irmãos e irmãs.



Biografia da Baixinha

Referência Bibliográfica:

LÍRIO, Alba. *Baixinha: Biografia e Ensinos de uma Operária da Fé*. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2011.